

No tempo das diligências... de Orlando Senna

Pilar da política cultural de inclusão e artesão documental, o diretor baiano ganha mostra na Caixa Cultural que abre tela para o banguê-banguê 'Longe do Paraíso', western memorável

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Laureado com o prêmio de júri popular no Festival de Brasília de 2020, "Longe do Paraíso", um raro exemplar brasileiro de faroeste... mas faroeste mesmo, à vera, e não uma cilada retórica... calcado nas raízes estéticas do gênero, nunca teve estreia comercial em circuito carioca. Sua projeção na telona da Caixa Cultural aqui do Rio, nos dias 28 de abril e 2 de maio, torna (ainda mais) obrigatória a presença (e a reverência) do público à mostra "Orlando Senna - Cinema, Brasil e América Latina", batizada com o nome de seu realizador. Sua programação vai ocupar o aparelho de cultura da Caixa - essencial à formação cinéfila do RJ - de 21 de abril e 10 de maio de 2026, numa celebração dos 86 anos do realizador baiano, nascido em Afrânio Peixoto, distrito de Lençóis, Chapada Diamantina, em 1940.

A idealização e produção da mostra são da cineasta Diana Iliescu, que criou a curadoria do evento com a produtora Sol Moraes, presidente da Coalizão Brasileira pela Diversidade Cultural (CBDC). Escolheram com título de abertura "O Amor Dentro Da Câmera" (2021), um ensaio documental de Jamille Fortunato e Lara Beck Belov. É impossível pensar em Orlando sem falar em documentário. Mas seu western acerta alvos em que nosso audiovisual raramente mirou.

Celebrizado no auge da pan-



O pistoleiro Kim, o Django de um país de lutas fundiárias, é o epicentro de 'Longe do Paraíso', de 2020



Orlando Senna fez da política cinematográfica um espaço de poética... no verso da inclusão

demia, "Longe do Paraíso" é uma expressão narrativa refinada, que traz um personagem capaz de abrir debates sobre a prática do vigilantismo: o pistoleiro Kim. É uma espécie de Franco Nero do Nordeste, sempre de roupa preta e de trabuco na cintura. Ele roga a Deus e manda Bala, carregando a Morte no vitreo dos olhos. Ele já matou demais para quem tem pouco mais de 20 e poucos anos na terra de bravos, sem lei e sem alma, que Senna criou. O diretor marcou época em duo com Jorge Bodanzky em "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1974), que a mostra da Caixa exibe no próximo dia 25, às 15h, com repeteço no dia

1°. Ali, trilhava uma curva nas raízes da não ficção. Aqui, ele dialoga com a tradição de John Ford e Howard Hawks, mas de uma maneira particularíssima.

A lembrança de Nero é forte (e eterna) por seu personagem mais famoso: Django. Como ele, Kim também arrasta um caixão, só que não um de madeira e, sim, um feito da matéria existencial que Sartre chamava de Náusea, com o "N" maiúsculo da negação do sentido de pertença. Lê-se em Sartre que "O ser humano é um existente que nasce sem motivo, dura por fraqueza e morre por acaso". Kim até estaria assim se não houvesse um vetor que obrigasse o sujeito a encontrar um propósito: matar. Sua patroa, chamada Madame (papel que Sonia Dias executa numa atuação viçosa),

obriga que este pistoleiro de um Brasil regido a balas nunca se mantenha inerte na ciranda nauseante de seu dia a dia. Matar é sua CLT.

A alusão a Django - dado o visual do personagem encarnado a vísceras e puro humanismo pelo ator Ícaro Bittencourt, num jorro de potência - pode fazer parecer que estamos numa ambientação de western spaghetti, qual a dos cults de Sergio Corbucci ou de Tonino Valerii. A lembrança é forte, entretanto não é com o banguê-banguê à italiana que o diretor de "Imagem da Terra e de Povo" (1969) se irmana neste longa-metragem. Senna se liga mais ao faroeste psicológico americano do pós-guerra, da lavra de Anthony Mann (1906-1967), sobretudo "O Preço de um Homem" (1953) e "O Tirano da Fronteira" (1955). Há um mal-estar existencialista no banguê-banguê brasileiro que parece muito com a linhagem de Mann.

Embalado pelo que periga ser a melhor trilha sonora de David Tygel em muitos anos (e olha que o nível musical desse compositor é dos mais altos), Senna faz um balé de câmera, de gestos sinuosos. Enquadra de maneira estanque, apoiado por uma fotografia apolínea (assinada por Pedro Semanovich), sendo quase monolítico em alguns movimentos, como no plano e contraplano em que as entranhas afetivas de seus personagens são evisceradas. Na hora dos tiros, tudo é ágil, pois a montagem (impecável) de Luiz Guimarães Castro responde (sem

nervosismos, mas bem atenta) às cartilhas do faroeste moderno.

Nos primeiros minutos de "Longe do Paraíso", na sequência que melhor dialoga com o histórico documental de Orlando (como "Gitirana", também feito com Jorge Bodanzky), Kim mata um homem e seu filho (uma criança) num ataque a um acampamento do MST. Artesão do realismo político e dos códigos documentais de denúncia, o veterano realizador baiano se desgruda de seu protagonista para cartografar a exclusão ao falar do empenho resiliente do Movimento dos Sem Terra. Mas, logo, num fluxo de edição preciso, o cineasta volta a enquadrar o duplo assassinio cometido por Kim a partir dos ditames da trama e revela que o ato foi um erro dele como matador. Morreu quem não deveria: ele matou as pessoas erradas. Para pagar por seu deslize, Kim é escalado para assassinar uma mulher ligada à resistência fundiária no Nordeste. O alvo é Bel, personagem de muitos calos nas mãos e na alma a quem Emanuelle Araújo, em seu mais potente desempenho como atriz, esculpe de um barro similar àquele de onde Anna Mangnani tirava as heroínas do Neorealismo. O componente que mais pesa no fardo/fado de Kim é o fato de que Dea é sua irmã. Brota daí um conflito trágico regado a pólvora.

No dia 22, às 14h30, a Caixa reflete a luz ecológica de Senna com "A Idade da Água", de 2018.